

**A literatura antirracista como território intercultural e de comunicação entre “sujeitos em movimentos”: a atuação de um profissional da informação no contexto de uma IES**

*Anti-racist literature as intercultural territory and communication between “subjects in movements”: the work of an information professional in the context of a higher education institution*

José de Arimateia Ferreira de OLIVEIRA<sup>1</sup>

**Resumo**

O presente artigo tem por objetivo articular uma reflexão sobre a literatura antirracista, com uma abordagem comunicacional entre sujeitos em seus diversos e respectivos territórios em movimentos. À vista dessas perspectivas, descreve-se as atividades ou as ações literárias e culturais desenvolvidas por um bibliotecário/profissional da informação, especificamente no uso da poesia indígena e as suas diversas abordagens de mediação, como o campo de atuação para uma educação antirracista. A fundamentação teórica utilizada, foram os estudos de CANDAU (2008); KAMBEBA (2021) e QUIROGA (2013, 2024). E como recurso metodológico foi aplicada a pesquisa bibliográfica e a pesquisa participante. Os resultados demonstraram que a literatura, possui várias dimensões de entendimentos comunicacionais, seja nos espaços físicos/digitais e em diferentes grupos sociais em movimentos, para compreensão e valorização do outro, assim como do seu uso para o enfrentamento das desigualdades étnico-raciais.

**Palavras-chave:** Literatura. Comunicação. Antirracismo. profissional da informação.

**Abstract**

This article aims to articulate a reflection on anti-racist literature, with a communicational approach between subjects in their various territories in movements. In view of these perspectives, it describes the literary and cultural activities or actions developed by a librarian/information professional, specifically in the use of indigenous poetry and its various mediation approaches, as a field of action for anti-racist education. The theoretical basis used were the studies by CANDAU (2008); KAMBEBA (2021) and QUIROGA (2013, 2024). Bibliographical research and participant research were used as methodological resources. The results showed that literature has various dimensions of communicational understandings, both in physical/digital spaces and in different social groups in movements, for understanding and valuing the other, as well as its use in tackling ethnic-racial inequalities.

**Keywords:** Literature. Communication. Anti-racism. Information professionals.

---

<sup>1</sup>Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura - UNAMA. E-mail: jose.oliveira@ufnt.edu.br

## Introdução

A literatura pode ser considerada como um território comunicacional de fortalecimento da cultura de vários povos, assim como de uma poderosa arma contra práticas racistas que vem acontecendo na diversidade comunicacional<sup>2</sup>, seja em territórios físicos ou em territórios de narrativas midiáticas.

Em se tratando de estudos de território/espaço, existe uma abrangência fenomenal dessa categoria de pesquisa. Porém, aqui não nos interessa discorrer sobre essa vertente de maneira conceitual ou teórica e sim, a partir de uma construção representacional e simbólica. E neste sentido, a literatura corresponde a um território que representa o resgate ou a manutenção de sua história, memória e identidade de muitas populações tradicionais, dentro de um processo de comunicação intercultural. A interculturalidade proposta por CANDAU (2008, p. 52), “quer promover uma educação para o reconhecimento do ‘outro’, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais, onde se trata de uma educação que esteja alinhada com a diversidade das práticas culturais por meio de diálogos interculturais.”

Partindo desse constructo, é que analisaremos a literatura como abordagem comunicacional entre sujeitos, capazes de exprimir os seus saberes, emoções e sentimentos, possibilitando conhecer a experiência, tanto do outro como de si.

Assim, tais relações sociais são constituídas de práticas de comunicação ou de diálogos entre culturas. Dessa forma, direciona-se a importância da literatura dos povos originários, em especial a poesia, na qual devemos “experimentar” diante das subjetividades e das poéticas para a continuidade da existência, uma vez que fazemos parte dessa relação ou movimento.

Este artigo discorre sobre a literatura antirracista como abordagem comunicacional, na perspectiva da atuação de um profissional da informação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC) *Campus Xapuri e Campus Rio Branco*, que remete a execução de atividades extensionistas e como membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), no período compreendido de 2014 a 2023.

---

<sup>2</sup> “[...] quando falamos em comunicação, em boa medida, podemos estar tratando de qualquer experiência humana, objeto de diversas disciplinas na ordem do conhecimento (antropologia, letras, filosofia, etc.) [...] comunicação é entendida como meio cujos efeitos são continuamente remetidos a categorias de outras áreas do conhecimento.” Disponível em: QUIROGA, Tiago. *Pensando a episteme comunicacional*. 2. ed. Campina Grande - Pb: EDUEPB, 2013. p. 33 e 34.

A análise deste trabalho traz a reflexão sobre a literatura como o instrumento de comunicação entre sujeitos em seus territórios interculturais. Portanto, em linhas gerais, esta pesquisa resulta de atividades desenvolvidas diante das representações da biblioteconomia social, do Neabi e da dissertação de mestrado, intitulada “*Contextos culturais em poemas de autoria indígena: contribuições para abordagens decoloniais*”. Destarte, essas representações revelam estreitos vínculos com a atuação do profissional da informação e que faz o seu próprio relato neste artigo.

Ao considerarmos sujeitos interculturais<sup>3</sup> que experimentam e comunicam diferentes possibilidades de atuação por uma educação antirracista, destacamos a escritora e Geógrafa da etnia Omágua/Kambeba Márcia Wayna Kambeba<sup>4</sup>, que em sua conta do *Instagram* (2025)<sup>5</sup>, aborda sobre a literatura indígena como “um movimento que vai além da educação: ela contribui para a desconstrução do preconceito e estereótipos por meio da disseminação de conhecimento e informação. É uma ferramenta descolonizadora que ressignifica”.

Uma outra afirmação é que a literatura é um espaço de comunicação que contribui para a “manutenção de direitos”. Como afirma Quiroga (2024, p.9), “o uso dos meios de comunicação e o combate às narrativas midiáticas hegemônicas se tornam fundamentais. Por meio deles, pode-se manter viva a própria luta simbólica, em torno das identidades e como condição da conquista e manutenção de direitos.” No campo da educação das relações étnico-raciais, ainda há muito a ser feito para assegurar a garantia de uma educação, que supere o preconceito e o racismo em todas as suas formas geradoras de desigualdades. Mesmo diante da implantação da Lei 11.465/08, que ainda caminha a passos lentos na educação brasileira, mas que nesse caso, pode-se inferir a “comunicação como alteridade”, um caminho no qual possam se articular e assegurar um amplo diálogo, conhecimento e respeito pelas pluralidades culturais.

Quiroga (2013, p. 87), acrescenta, “vista sob a perspectiva das mediações, a comunicação constitui espaço de alteridade, do encontro das diferentes práticas e

---

<sup>3</sup>“Sempre acreditamos na capacidade da comunicação indígena, como uma ação fundamental, formativa e transformadora. Nossa principal missão é dar visibilidade e fortalecer nossa luta ancestral.” Disponível em: <[https://www.instagram.com/tukuma\\_pataxo/](https://www.instagram.com/tukuma_pataxo/)>. Acesso em: 30. Jan. 2025.

<sup>4</sup>Doutora em Letras/UFPA, Mestre em Geografia/UFAM, Escritora, Poeta, Compositora, Palestrante, Contadora de Histórias, Professora, mãe de uma criança com TEA. (Transtorno do espectro autista).

<sup>5</sup>Marcia kambeba. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DFOUHSCP\\_Nv/](https://www.instagram.com/p/DFOUHSCP_Nv/). Acesso em: 25 fev. 2025.

experiências socioculturais”. Ou seja, práticas de sujeitos que devem experimentar diferentes concepções de mundo e agir diante dos acontecimentos. Em suma, entende-se que a literatura pode ser considerada como um território intercultural e tem esse potencial formativo e transformador nas pessoas diante das suas ações e expressões comunicacionais. Desta forma, o presente artigo tem por objetivo articular uma reflexão sobre a literatura antirracista, com uma abordagem comunicacional entre sujeitos, em seus diversos territórios em movimentos e demonstrando que é possível atravessar às fronteiras das desigualdades inter-raciais.

### **Fenômeno do poema indígena como lugar de estratégia comunicacional com o outro**

A literatura é arte e um lugar de comunicação das diferenças específicas, que nos fazem refletir sobre as possibilidades de relação ou da fragmentação, principalmente, sobre a escrita, a escuta e o entendimento sobre o “eu” e o “outro”, em uma ocorrência comunicacional entre sujeitos.

Entender o fenômeno da comunicação e da alteridade, em uma sociedade plural e a partir da perspectiva das relações humanas, envolve inúmeros fatores interpretativos. No entanto, pretende-se encurtar distâncias nesses entendimentos, ao dar ênfase a poemas que dialogam com práticas antirracistas<sup>6</sup>, como fator de comunicação ética entre sujeitos. Contudo, torna-se importante mencionar determinados teóricos contemporâneos que abordam sobre as questões relacionadas a comunicação e a alteridade, como Emmanuel Lévinas (*Totalidade e Infinito* - 1961), Jürgen Habermas (*Teoria do agir comunicativo* - 1981) e Paul Ricoeur (*O si mesmo como um outro* - 1991).

Conforme Butler disserta (2015, p. 52), “estamos eticamente implicados na vida dos outros”, posto que o eu narrativo não opera apenas como o relato ou produção individual. e, conseqüentemente, ouvir, entender e compartilhar um relato discursivo textual indígena de uma luta por direito social, na perspectiva da arte literária, constitui-se como prática ética, quando o “eu” se posiciona e se reconhece com esse outro. E de modo geral, se levarmos em consideração os entendimentos éticos dos seres humanos e das suas relações, é possível investigar como referência a obra “*O lugar do saber*

---

<sup>6</sup>“Ser antirracista é estabelecer definições lúcidas de racismo/antirracismo, políticas racistas/antirracistas, ideias racistas/antirracistas, pessoas racistas/antirracistas. Ser racista é constantemente redefinir o racismo de modo a exonerar as mudanças nas políticas, ideias e subjetividades.” Parte do livro: como ser antirracista de Ibram X Kendi p. 18. Disponível em: <[https://altabooks.com.br/wp-content/uploads/2021/07/AMOSTRA\\_ComoSerAntirracista.pdf](https://altabooks.com.br/wp-content/uploads/2021/07/AMOSTRA_ComoSerAntirracista.pdf)> Acesso em: 30. Jan. 2025.

*ancestral* - 2021” da autora Márcia Kambeba, que usa o imaginário para construir, não somente o conhecimento específico da sua cultura, mas também por um ethos<sup>7</sup> poetizante, que convida o sujeito a escutar, dialogar e agir. Desse modo, a interpretação de um relato de si mesmo, de alguma forma se altera ao comunicar sentidos diante da interpelação com o outro.

Kambeba em determinados poemas, utiliza recortes temporais/espaciais e abre possibilidades comunicacionais diante de pluralidades linguísticas e culturais, com o uso do eu-lírico e de metáforas, como nas estrofes a seguir:

“Não sou o que os livros pintam / Nossa cara o tempo mudou / Sou rápido que nem flecha / Nas rimas e nas palavras / Para dizer quem eu sou” (Kambeba, 2021, p. 47).

Considerando que a autora ao quebrar paradigmas - Que permanecem latentes no universo literário e em outros espaços sociais - Proporciona ao leitor, novas possibilidades de abordagens comunicacionais e de aprendizagens por uma educação antirracista, se enaltece assim por uma literatura produzida pelos próprios indivíduos dos grupos originários e não mais pelo viés do colonizador. Neste segmento, é possível situar a mesma construção literária, como mostrada nas estrofes anteriores e também às que estão representadas a seguir:

“Sou o tempo contado em eras / Sou a transmutação em feras / Sou povo, me veja / Sem querer encontrar uma “cara “/ Estamos em movimento / O mundo não para” (Kambeba, 2021, p. 47).

“E minha cultura tão rica e bela / Vejo passar como a multidão pela janela. / Minha memória foi trancada em uma cela, / Servindo apenas para desenhos em aquarela” (Kambeba, 2021, p. 84).

Observa-se que a poeta usa elementos rítmicos, tornando-os o fio condutor que convida o outro a conhecer e respeitar de forma ética uma cultura rica de significações linguísticas. Em muitas obras clássicas da literatura brasileira, a descrição de como o

---

<sup>7</sup>Nos campos da Retórica e da Literatura, ethos relaciona-se com as qualidades de um orador/escritor, sobretudo as suas qualidades morais, intelectuais e verbais – genuinamente verdadeiras ou cuidadosamente escolhidas e simuladas – que transparecem em seus discursos e que exercem influência naqueles a quem se dirige, tanto ou mais do que o conteúdo do próprio discurso. Disponível em: PATRÍCIO, Sanda. Uma perspectiva para a compreensão do ethos humano. In: PATRÍCIO, Sanda (org.) *Ethos humano e mundo contemporâneo*. São Paulo: Baracoa, 2019. p. 29.

européu fez o primeiro contato com o “índio”<sup>8</sup>, aconteceu de forma unilateral por parte da cultura “superior”. Já nos seus contradiscursos, autorias indígenas conseguem trazer para sua escrita à dimensão cultural, tão importante para a compreensão de suas produções. Poemas como produção cultural das diversidades dos povos originários e de como estratégias comunicacionais, assumem um lugar privilegiado na literatura. Assim, “a literatura indígena brasileira hodierna compõe-se de muitas vozes e o uso de expressões decoloniais. Essas vozes são marcadas especificamente pela pertença étnica de seus escritores/autores na contemporaneidade, que passam a publicizar as suas poéticas, a partir da década de 1990, via mercado editorial” (Dorrico, 2018a, p. 227).

Em vista disso, percebe-se que a contribuição de autorias de obras literárias dos povos originários (dentro de um processo comunicacional com a sociedade), se justifica diante dos seus depoimentos ou de posicionamentos em relação às suas produções culturais, ideológicas e das suas experiências ancestrais e identitárias. Destarte, poemas indígenas tornam-se um espaço que se abre cada vez mais no campo da comunicação e que dialogam com práticas antirracistas: como experiências interculturais, muitos dos quais se constituem como estratégias assertivas, que permitem inferir sentidos e interpretações dos saberes e das práticas dos saberes ancestrais e de resistências culturais.

### **Métodos e materiais de pesquisas**

Com a pesquisa participativa e bibliográfica, foi possível realizar ações de extensão em comunidades tradicionais, bibliotecas e salas de aulas. A metodologia que norteia esta pesquisa é fundamentada em coletas do *corpus* de literaturas de cunho antirracista, especificamente compostas de poemas indígenas, no que favoreceu em um conhecimento amplo, que se entrelaçam com as experiências humanas, como o protagonismo cultural, a história e a resistência de líderes de comunidades tradicionais.

Desta maneira, com os processos participativos dos envolvidos nas ações de comunicação intercultural, foi possível coletar dados das impressões desses participantes por meio de diálogos e como um meio para coletar informações, como veremos a seguir.

---

<sup>8</sup>De acordo com Daniel Munduruku, “Índio é uma palavra inventada. [...] Mas é uma palavra que não diz quem eu sou. É uma palavra que normalmente diz o que as pessoas acham que eu sou. É uma palavra, portanto, que não revela a minha identidade as pessoas [...] Esconde toda uma sabedoria que meu povo carrega consigo, porque essa palavra mais do que uma definição ela na verdade é um apelido [...] não existem apelidos positivos”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=N8LdbspX5XM>.> Acesso em: 2. Jan. 2025.

## A Biblioteca e o Neabi como territórios de comunicação antirracista

Historicamente, a biblioteca foi um espaço importante de guarda e da preservação do conhecimento. O acesso à informação nas últimas décadas, tornou-se um desafio para qualquer profissional da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Adquirir, reunir, organizar, gerenciar e disseminar informação para facilitar o acesso ao conhecimento, exige meios de tecnologias de comunicação e de informação, infraestrutura, instrumentos e ferramentas em gerais, que nem sempre estão ao alcance desses profissionais.

Para superar muitos desses desafios, as bibliotecas e bibliotecários<sup>9</sup> - profissionais da informação - estão reinventando os seus espaços para acessar novos serviços. Considerando que, em muitas comunidades não existem espaços culturais, pois estão isoladas geograficamente dos grandes centros ou ainda possuem outras limitações (como a falta de políticas públicas para o livro, leitura, biblioteca e literatura.) Assim, determinados profissionais da informação estão promovendo serviços de extensão cultural e social naquelas áreas, de forma, a assegurar o valor da biblioteconomia social<sup>10</sup>, possibilitando, assim, criar diversos territórios simbólicos de mediação e de diálogos democráticos em torno da interculturalidade. Candau (2008, p. 52), explora essa ideia de que “a perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana e que articule políticas de igualdade com políticas de identidade”.

Com isso, as bibliotecas estão ressignificando os seus espaços, visando principalmente ao desenvolvimento de ações voltadas para a democratização do acesso à informação e à cultura.

Há exatos 22 anos, foi promulgada a Lei nº 10.639/2003, que incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Mais tarde, essa legislação foi modificada pela Lei nº 11.645/2008, que incluiu o Ensino da História e da Cultura Indígena. A partir daí, obras literárias diversas (com destaque para os conteúdos antirracistas), começaram a surgir nas livrarias e bibliotecas, abordando

---

<sup>9</sup>**Bibliotecário** é um profissional que, cada vez mais, tem sido reconhecido como Agente da Informação. Cabe a ele desempenhar a função de gestor da informação, usando as tecnologias de informação e de comunicação disponíveis. Disponível em: <<https://cfb.org.br/>>. Acesso em: 9. Jan. 2025.

<sup>10</sup>**Biblioteconomia social** (crítica e progressista), enquanto corrente teórica e prática, tem se dedicado à construção de uma Biblioteconomia que se coloque politicamente ao lado da população e que esteja atenta às demandas e necessidades sociais de informação, tendo a mediação da informação, em uma perspectiva dialógica, como principal aliada. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2673>>. Acesso em: 9. Jan. 2025.

temáticas voltadas a combater às desigualdades étnico-raciais presentes em todos os campos e inclusive na educação.

Destarte, a biblioteca torna-se um espaço de excelência para mediar o diálogo por uma educação antirracista, aproximando os conhecimentos e encurtando as distâncias territoriais, por meio do uso de obras literárias, concomitantemente com execuções de ações no recorte epistêmico das abordagens étnico-raciais. Nesse contexto, o bibliotecário/profissional da informação, tem uma responsabilidade social e ética importante, como mediador da leitura crítica e reflexiva. E mesmo com os desafios e da resistência à implantação das referidas leis nas escolas públicas/privadas e tantas limitações que se opõem ao fazer profissional, através de sua técnica, incentiva o usuário na busca e ao acesso à informação, apontando, por meio de suas práticas, mecanismos ou ações para a obtenção do conhecimento.

Ressalta-se que o processo identitário (no que diz respeito a atuação do profissional da informação) é uma das questões que reverberam para a escrita deste artigo, pois trata-se de uma construção que está estruturada, além da representação da biblioteconomia social, a participação e do diálogo com o Neabi, enquanto forma de ampliar as possibilidades e perspectivas da tríade Pesquisa, Ensino e Extensão.

O Neabi é um espaço de discussões acadêmicas entre alunos, servidores, pesquisadores, colaboradores e da comunidade em geral, visando a promoção de debates voltado para raça, políticas afirmativas, racismo estrutural, xenofobia, intolerância religiosa, entre outras abordagens étnico-raciais. Deste modo, entre as ações promovidas pelo Neabi - Ifac, destacam-se, principalmente, as semanas “Abril indígena” e “Novembro Negro”, nas quais são realizadas atividades como: mesas redondas, palestras, minicursos, oficinas, exposições artísticas e culturais, entre outras convergências de sentidos.

Diante do exposto, os campos de atuação da biblioteconomia e do Neabi, podem ser considerados como territórios representacionais de luta e de resistência, em favor de povos que vem sendo desfavorecidos culturalmente. Neste sentido, citamos algumas das ações de promoção da informação literária e cultural, realizadas em territórios diversos, como instrumento motivador de luta antirracista.

## Primeira “movimentação territorial”: visita a uma comunidade de matriz africana

A dinâmica do território pode ser analisada para além do entendimento de uma extensão de terra, pois entende-se que é impossível delimitar a categoria “*território*” apenas na perspectiva da geografia. Num sentido mais subjetivo, território possui características históricas, culturais, ambientais e sociais de uma determinada comunidade, a exemplo das comunidades tradicionais que mantêm às suas práticas culturais e identitárias próprias, como dos povos originários.

Um dos resultados dessa experiência com “novos territórios”, foi a execução de um projeto de extensão<sup>11</sup> aprovado por edital, no qual foi possível realizar a primeira visita a uma comunidade tradicional, com o objetivo de promover um diálogo sobre “Respeito a religião”. No encontro, o grupo de alunos e servidores do IFAC, foi recebido pela YÁ AWRÁ-OMIN, do terreiro “Ilê Asé Apará Odara”, localizado na cidade de Xapuri-AC. A Ialorixá é ativista do Movimento negro, contramestre do Grupo senzala de capoeira e tem o Candomblé como religião.

Durante a visita, um dos recursos metodológicos utilizados foi o uso de um poema sobre os povos e comunidades tradicionais, o que norteou o debate. Em seguida, a liderança do terreiro explicou sobre a origem africana do candomblé e que não há diferenças entre gênero, raça e condição social para ser candomblecista. Ao grupo foi esclarecido, ainda, sobre as características próprias do candomblé, desfazendo mitos e preconceitos sobre a religião de matriz africana e sobre as dificuldades em se combater a intolerância religiosa e a injúria racial: Como as atitudes ofensivas e que estão muito presentes na cidade onde a Ialorixá reside.

E diante desse viés narrativo, foi possível entender e analisar, acompanhado do grupo visitante, sobre o processo de resistência cultural relatado pela Yalorixá Awrá, que utiliza também a capoeira como instrumento de afirmação identitária em sua comunidade. Quiroga e Mota (2024, p.6), esclarecem que “a apropriação dos meios e das narrativas comunicacionais, será um dos fatores que determinarão a preponderância do aspecto identitário e como uma das marcas das atuais lutas políticas contemporâneas.”

---

<sup>11</sup> **Título:** "Mediação de leitura: A intervenção da linguagem e da diversidade na (re)construção da identidade e no processo de formação de leitores no Ifac - *Campus Xapuri*". **Descrição:** Projeto de extensão institucionalizado pela Pró-reitoria de extensão - PROEX/IFAC, aprovado pelo Edital nº 001/2014-CULTURA. **Objetivo principal:** Contribuir na formação de leitores por meio Literária Infantojuvenil Afro-Brasileira, como linguagem artística e cultural, enquanto campo de diversidade multicultural.

Sendo assim, outras informações foram observadas e apontadas no decorrer do encontro, no que possibilitou a compreensão de diversos aspectos que fazem parte da história da cultura africana e afro-brasileira, que culminou com o conhecimento de um território em constante movimento e de resistência cultural.

E por fim, como resultado dessa primeira experiência, foi produzido artigo e apresentado em eventos científicos<sup>12</sup>, pois além da literatura como recurso metodológico, foi possível realizar diferentes atividades de extensão como: Dança afro, oficinas, mesa redonda e da criação de exposições temáticas, com o objetivo de mostrar as contribuições de diferentes culturas para a formação do povo brasileiro, assim como da possibilidade de desmistificar preconceitos em torno das religiões de matriz africana.

### **Segunda “movimentação territorial”: visita a uma comunidade indígena**

Os territórios para os povos indígenas, possuem várias dimensões totalizantes: seja físico ou simbólico e não no sentido que é atribuído como espaço patrimonial, para a geração de atividades produtivas e de capital onde,

Na última década do século XX, diversas áreas do conhecimento adotaram território como o conceito essencial em suas análises. Todavia, o termo território é utilizado como uma dimensão das relações sociais, enquanto na verdade, é multidimensional, constituindo-se em uma totalidade [...] Neste sentido, tem-se a oportunidade de trabalhar com conceitos que sustentem ideias como natureza, espaço, território, territorialidade, os quais são importantes para os povos indígenas na defesa de seu território. (Silva, 2012, p. 33).

O território amazônico é um lugar de pertencimento social, que às vezes se torna conflitante, pois está atravessado por experiências culturais, nas quais o indígena e outros povos estão em processo. No entanto, esses sujeitos conseguem construir novas práticas sociais, para legitimar e perpetuar as suas vivências culturais. Baseando-se nessas perspectivas de pertencimentos, lutas culturais e pela promoção por uma educação intercultural, foi realizado uma segunda visita, desta vez a uma família autóctone.

No encontro, o grupo de alunos e servidores do IFAC foi recebido pela liderança Manchineri, Zenilton Souza, que relatou sobre a tradição, preconceitos, cultura e da

---

<sup>12</sup> Anais do I Seminário de Desenvolvimento Territorial do Estado do Acre e I Seminário de Mulheres dos Territórios Rurais e da Cidadania do Estado do Acre (Rio Branco-Ac, 2016). E Anais do XI Congresso Norte Nordeste de pesquisa e inovação (Maceió, 2017).

migração identitária do seu povo no Estado do Acre. Segundo o líder, o seu objetivo é fundar uma associação indígena na cidade de Xapuri e a partir daí, obter o reconhecimento de seus direitos, para desta forma, dar continuidade à transmissão das suas tradições culturais, para à sua família e a comunidade que, em breve, será instalada.

Como recurso metodológico para iniciar à roda de conversa, o discente João Victor M. Andrade, do 4º ano do Curso técnico integrado ao Ensino médio em Biotecnologia, realizou a leitura de um texto sobre “Tradição e cultura identitária dos povos indígenas no Acre”, que objetivava apontar sobre as relações culturais, lutas e as resistências dos povos originários ao longo da história acreana. “As relações culturais não são relações idílicas, não são relações românticas; estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e pela discriminação de determinados grupos.” (Candau, 2008, p. 51)

Dessa forma, como o resultado dessa experiência, os participantes puderam ter um contato mais próximo com pessoas de territórios diferentes e ligadas por laços identitários, estabelecendo, assim, uma comunicação intercultural que possibilitou aprendizado, sobre o viés de territórios e dos seus sujeitos em movimentos, como as migrações do povo Manchineri no Acre para contextos urbanos, a exemplo da família de Zenilton Souza. Por conseguinte, a referida ação foi considerada positiva, com o apoio da literatura e o relato de um “sujeito em movimento”, foi possível compreender a identidade cultural de uma comunidade indígena - em processo de formação ou criação - como também pode ser definida como territorialização, termo esse que não cabe aqui sua abordagem, pois é necessário um entendimento mais amplo.

### **Terceira “movimentação territorial”: Salas de aula**

No ambiente escolar, o desafio de lidar com a literatura antirracista, como território intercultural é desafiador, pois os “sujeitos em movimentos” estão em processo de formação identitária. No entanto, conseguem articular os seus posicionamentos em relação ao outro. É nesse espaço, de relações interculturais, que as reivindicações político-sociais surgem com força e a literatura convida o leitor a refletir, e se posicionar, de forma crítico-reflexiva, diante de conteúdos comunicacionais diversos.

Partindo dessa perspectiva, foi criado um projeto de extensão<sup>13</sup> aprovado por edital de extensão do Ifac, voltado para discentes dos cursos técnicos integrados do Ensino Médio de Rio Branco-Ac e que contou com a participação de segmento docente, das áreas de Língua portuguesa, História, Sociologia e Artes, sendo que a sala de aula se tornou um espaço oportuno para a realização desse projeto.

Na oportunidade, foram realizadas as seguintes ações: roda de conversa sobre Literatura indígena contemporânea brasileira; exposições, oficina e criação de vídeo como recurso pedagógico. Ressalta-se que o vídeo aborda em seu conteúdo, poemas de protagonismo e da resistência indígena feminina, por meio de uma perspectiva de autoconhecimento identitário e intercultural. O material foi criado a partir da escolha de 3 categorias de análise e os poemas, declamados por alunos (indígenas e não indígenas), seguido de comentários de professores e técnicos do Ifac, divulgando, assim, uma literatura de maneira intercultural e as análises e reflexões daí derivadas.

Durante o evento do Neabi-Ifac “abril indígena”, 29 discentes participaram da ação de culminância do projeto, com a leitura de poemas e a exibição sobre o vídeo criado, seguido de debates e respostas de um breve questionário com perguntas abertas, no qual foi selecionado alguns depoimentos transcritos a seguir:

#### **PERGUNTA 1 – CATEGORIA: TERRITÓRIO AMAZÔNICO**

A LITERATURA INDÍGENA AO RECRIAR NOVAS POSSIBILIDADES LINGUÍSTICAS, TRAZ UM GRANDE APELO ÀS QUESTÕES DA NATUREZA E DA PROTEÇÃO DA TERRA. QUAL REFLEXÃO OU APELO VOCÊ DEIXARIA AQUI, SOBRE A PROTEÇÃO DO MEIO AMBIENTE, PRINCIPALMENTE, NA REGIÃO AMAZÔNICA?

#### **Resposta**

“É notório a falta de preservação com a região amazônica, a exploração, a extração das madeiras, as queimadas, ataques de garimpeiros tanto em exploração como nos povos que ali habitam. [...]. Dessa forma, devemos lutar para preservar a nossa floresta, que faz parte da nossa história e principalmente dos nossos ancestrais”.

---

<sup>13</sup> **Título:** " Poemas de autoria indígena feminina como linguagem de comunicação: o eu se posicionando e se reconhecendo com o outro - *Campus Rio Branco*". **Descrição:** Projeto de extensão institucionalizado pela Pró-reitoria de extensão - PROEX/IFAC, aprovado pelo Edital nº 14/2022- APOIO AS ATIVIDADES DE EXTENSÃO. **Objetivo principal:** Analisar efeitos do contato com poemas de autoria feminina indígena sobre a adoção de perspectiva intercultural (eu/outro) e o autoconhecimento de estudantes do Ensino Médio Integrado do Ifac.

**PERGUNTA 2 – CATEGORIA: RESISTÊNCIA**

O POEMA LIDO FAZ REFERÊNCIA ÀS MULHERES INDÍGENAS, QUE FORAM SILENCIADAS AO LONGO DA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO BRASILEIRA. O QUE VOCÊ PENSA SOBRE O ATIVISMO PELOS DIREITOS DAS MULHERES INDÍGENAS? ESSA SERIA UMA CAUSA PELA QUAL VOCÊ LUTA OU GOSTARIA DE LUTAR? SE SIM, COMENTE. SE NÃO, HAVERIA OUTRA CAUSA PELA QUAL VOCÊ GOSTARIA DE LUTAR?

**Resposta A**

“Para mim que sou indígena a luta é grande, o meu povo luta por nossos direitos e para entrar no mundo que é a cidade é muito difícil”.

**Resposta B**

“O ativismo realizado pela mulher indígena é necessário. É uma causa importante, visto que essas mulheres tem sua intelectualidade invalidada, ou seja, são vistas como incapaz para assumir cargos e funções. Cabe não só a mim, mas toda a população, lutar pelos direitos e causas”.

**PERGUNTA 3 – CATEGORIA: EFEITOS SOBRE A PERCEPÇÃO DO OUTRO**

DEPOIS DE VER O VÍDEO COM OS POEMAS, VOCÊ PERCEBEU SE SUA MANEIRA DE PENSAR SOBRE OS INDÍGENAS, SOFREU ALGUMA MUDANÇA? SE SIM, ESCREVA UM POUCO SOBRE O QUE MUDOU. SE NÃO, ESCREVA UM POUCO SOBRE A FORMA COMO VOCÊ PENSA SOBRE OS INDÍGENAS.

**Resposta A**

“Bom, na minha concepção, os indígenas ou qualquer outro povo é uma pessoa normal como nós, não vejo diferença, muita gente desconsidera os indígenas, o que muda é somente a linguagem”.

**Resposta B**

“O pensamento continua o mesmo. Por ter origens indígenas, é um assunto que sempre me causou curiosidade. Penso que os povos originários foram e, ainda são um símbolo de resistência. Além de terem sofrido com as terras invadidas e serem catequizados a força, sofrem cotidianamente represálias e xenofobia”.

E por fim, uma aluna indígena fala sobre a sua percepção: “Estou em busca de

conhecer mais sobre a minha cultura, buscar saber mais do meu povo e me aprofundar na minha história”.

Com os discursos emanados dos poemas e dos depoimentos dos alunos, foi possível realizar um breve debate, configurando que o uso de literaturas antirracistas, trata-se de conteúdo, dos mais variados temas, no caso de poemas indígenas, que vão desde os mitos de origem, de memórias ancestrais, de resistência cultural, da identidade até temas como: histórias de amor, direitos a educação e saúde, política, reafirmação étnica e tantos outros.

Embora, o posicionamento de muitos brasileiros ainda esteja baseado na visão eurocêntrica, de fato, não é somente a linguagem que os diferencia, mas toda uma trajetória histórica social de luta e resistência cultural. Discursos mediante desinformação, são constantemente verbalizados como na fala do(a) aluno (a): “os indígenas ou qualquer outro povo é uma pessoa normal como nós, não vejo diferença”, o que reforça que a literatura é um recurso comunicacional que deve ser utilizado com mais frequência para desmitificar desinformação e preconceitos.

### **Considerações finais**

As vozes de sujeitos em movimentos, em suas práticas de lutas, migrações e de pertencimentos étnicos, trouxeram aprendizados importantes, desde a literatura como instrumento de comunicação e de luta cultural, como a compreensão de *insights* culturais de outros sujeitos não protagonistas de comunidades tradicionais, mas que não negligenciam a luta antirracista daquelas populações de diferentes origens.

O relato de experiência nas comunidades tradicionais, contribuiu para analisar o processo de resistências culturais vivenciadas pelos líderes daqueles espaços, em contexto urbano. E com o uso de textos literários em salas de aula, enquanto recurso, percebeu-se o quanto esse material é importante como estratégia pedagógica, ao possibilitar a compreensão de muitos aspectos, entre eles sobre as experiências ancestrais, memória, história de povos invisibilizados e como expressão de comunicação antirracista. À vista disso, pode-se considerar que o profissional da informação, vem contribuindo com o desenvolvimento educacional por meio de ações extensionistas, alcançando resultados de experiências socioeducativas e cultural dentro e fora do contexto institucional. E assim,

de alguma maneira, amenizar a discriminação e o preconceito racial, presentes nos espaços institucionais de ensino e na conjuntura social existente.

Ressalta-se a urgência de otimizar mais espaços de informação, como as bibliotecas, para incentivar a formação de leitores críticos, contribuindo assim para a construção de práticas antirracistas e dentro de diversos campos do saber. Desta forma, evidencia-se que, a partir do acesso à informação, à democratização do saber e permeado pela literatura, como instrumento de comunicação pluricultural e pluriétnica, foi possível refletir e conhecer sobre vários territórios como espaços de lutas antirracistas.

### Referências

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade**: as tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação. v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5szsvwMvGSVPkGnWc67BjtC/?format=pdf&lang=pt>>  
> Acesso em: 10. Jan. 2025.

DORRICO, Julie. Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, Julie et al. (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Fi, 2018a. p. 227-256.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber ancestral**. 2. ed. São Paulo: UK'A, 2021.

QUIROGA, Tiago. **Pensando a episteme comunicacional**. 2. ed. Campina Grande-Pb: EDUEPB, 2013.

QUIROGA, Tiago; MOTA, Tatiana Castro. Práticas comunicativas ameríndias: insurgência e decolonialidade na Amazônia brasileira. **Ecompós**. v. 27, 2024. p. 1-2.

Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2965/2155>>

Acesso em: 25. Jan. 2025.

SILVA, Márcia Vieira da. **Reterritorialização e identidade do povo Omágua-Kambeba na aldeia Tururucari-Uka**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2012.